

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LETRAS

Leidiane da Conceição Silva

**IRACEMA: Uma heroína construída pelas lentes poéticas de José de Alencar**

PICOS – PI

2015

Leidiane da Conceição Silva

**IRACEMA: Uma heroína construída pelas lentes poéticas de José de Alencar**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Piauí - UFPI, como requisito parcial para a obtenção de grau de Licenciatura Plena em Letras Português, sob Orientação do Prof.: Me. Welbert Feitosa Pinheiro.

PICOS – PI

2015

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí**

**Biblioteca José Albano de Macêdo**

**S586i** Silva, Leidiane da Conceição.

Iracema: uma heroína construída pelas lentes poéticas de José de Alencar / Leidiane da Conceição Silva.– 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (38 f.)

Monografia (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2016.

Orientador(A): Prof. Me. Welbert Feitosa Pinheiro.

1. Literatura Brasileira. 2. Literatura Brasileira-Romance. 3. Iracema-José de Alencar. I. Título.

**CDD B869.09**

LEIDIANE DA CONCEIÇÃO SILVA

**Iracema:**

**Uma heroína construída pelas lentes poéticas de José de Alencar.**

Monografia apresentada ao curso de  
Licenciatura Plena em Letras, como  
pré-requisito para a obtenção do grau  
de Licenciatura em Letras/Português.

Monografia aprovada em 03 / 07 / 2015

**Banca Examinadora**

*Welbert Feitosa Pinheiro*

---

Prof. Me. Welbert Feitosa Pinheiro - Orientador  
Universidade Federal do Piauí UFPI.

*Fernanda Martins Luz*

---

Prof<sup>ª</sup>. Me. Fernanda Martins Luz - Examinadora  
Universidade Federal do Piauí UFPI.

*Margareth Valdivino da Luz Carvalho*

---

Prof<sup>ª</sup>. Me. Margareth Valdivino da Luz Carvalho  
Universidade Federal do Piauí UFPI.

PICOS – PI 2015

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por sempre me dar força para nunca desistir me guiando sempre no caminho certo, a minha mãe Gertrudes por sempre me dar seu apoio e dedicação, a você mãe devo tudo o que sou, pois sempre me educou e me ensinou qual o melhor caminho a seguir.

Ao meu namorado Sérgio por sempre me apoiar e me ensinar um pouco mais do caminho da docência, por sempre estar comigo, me apoiando, incentivando, por acreditar em mim, e sonhar junto comigo.

Aos meus irmãos aos quais amo infinitamente: Josuelton, Natan, Fernanda, Paulo Neto e Fabiana, sei que mesmo não estando presentes fisicamente torceram pela conclusão de mais essa etapa na minha vida.

Ao meu pai Francisco e minha madrastra Maria carinhosamente (tia Baica) a qual é mais uma mãe na minha vida, sei que sempre torceram por mim e me ajudaram muito nessa caminhada.

A minha outra mãe Ducídia que me concedeu o dom da vida e a meu padrasto José (Japão) pelo carinho para comigo.

Aos meus padrinhos Marilda e Zé Donato pelo apoio e torcida junto com seus filhos e noras.

Aos meus colegas de curso que me acompanham nessa caminhada, em especial as minhas amigas Maria do Carmo (Carminha) e Érica, minhas parceiras dos trabalhos acadêmicos e amigas Irmãs as quais adquiri nesses períodos juntas.

A todos os professores do curso de Letras da UFPI que com seus conhecimentos e dedicação contribuíram na minha formação. Ao professor Prof<sup>o</sup>. Me. Welbert Pinheiro, meu orientador, por sua dedicação e paciência, a ele devo a conclusão deste trabalho e o amor pela literatura.

Enfim, a todos os familiares e amigos que contribuíram direta ou indiretamente por mais essa etapa em minha vida, a todos agradeço infinitamente por torcerem por mim.

## RESUMO

O trabalho a seguir fará um estudo a cerca da obra Iracema do escritor José de Alencar, tem-se como tema do presente trabalho: Iracema: Uma heroína construída pelas lentes poéticas de José de Alencar, pois ela é construída através dessa visão poética do escritor em querer retratar sua terra e sua cultura, ou seja, idealizando e dando a obra um tom romântico. Tendo como objeto de estudo a construção da heroína romântica Iracema, junto à natureza. Procura-se identificar: até onde se dá o exagero poético dentro da obra. Para tal se faz necessário traçar o perfil da heroína alencariana Iracema, vendo até onde a natureza contribui para tal construção. Para esse conhecimento recorreu-se a pesquisa bibliográfica, utilizando-se Bosi (1994), Cândido (1995), Moisés (1974) Coutinho (2002), Ricupero (2004), Segolin (2006), Feijó (2001) e ainda a utilização da obra de José de Alencar (2001) e a utilização da *internet* como um ponto de apoio para a obtenção de dados novos e esclarecimentos de dúvidas, os estudos a esses teóricos se deu pela relação entre eles e a literatura e ainda abordarem sobre o período romântico, como os personagens e a construção do herói dentro da obra literária, sendo que esses são os pontos principais de discussão dentro da pesquisa. A leitura deste foi o método utilizado para selecionar os pontos principais a serem colocados no corpo do trabalho. Sendo assim, ao longo do texto procurou-se esclarecer todos os questionamentos levantados com o intuito de colaborar para o crescimento literário.

**Palavras-chave:** Heroína. Iracema. Natureza. Índio.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1 COMO SE DEU A ESCOLHA DA OBRA .....</b>	<b>9</b>
1.1 Sobre o autor José de Alencar .....	10
1.2 O romantismo na historia.....	12
1.3 O romance indianista.....	15
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>18</b>
<b>3 A CONSTRUÇÃO DA HEROÍNA ROMÂNTICA: IRACEMA DE JOSÉ DE ALENCAR .....</b>	<b>19</b>
3.1 Importância do livro.....	20
3.2 O índio do Brasil e o índio de José de Alencar .....	21
3.3 Analisando o Herói .....	22
3.4 Identificando o perfil de Iracema .....	30
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>37</b>
<b>REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO .....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

A literatura esta penetrada de socialidade. Os materiais que utilizam provêm essencialmente da sociedade, da história da sociedade. Torna-se inconcebível escrever o texto mais ínfimo sem que por ele, de uma maneira ou de outra, passe a história e, portanto, a sociedade, com suas divisões, seus conflitos, seus problemas (Roland Barthes).

A literatura na sua forma nada mais é do que uma representação da sociedade, com suas perspectivas, pensamentos e fundamentos, mostra uma realidade vivida ou presenciada por a população, ou seja, é uma encenação ou descrição da vida real. Por isso desperta-se tanto interesse em aprecia-la e desvendar seus segredos e mistérios, entender as entrelinhas que a cerca.

O trabalho tem o intuito de mostrar um pouco de tudo o que está presente no universo indígena e para falar um pouco sobre esse universo a escolha deu-se para a obra Iracema de José de Alencar que mostra um pouco dessa cultura e a mistura de raça, num processo de mudanças entre a natureza e a civilização e ainda o que passa a surgir através dessa mistura.

A natureza será um dos destaques para a realização da história e o índio um elemento a mais que contribuirá para o desenrolar da mesma. Trará também um pouco do romantismo, suas características e seu surgimento, vindo a conhecer também um pouco sobre José de Alencar, mostrando sua trajetória e a contribuição para a literatura, como também serão apresentadas algumas de suas obras e ainda sobre a obra que construirá o trabalho.

Ainda dentro da monografia será mostrado como se deu a transformação da cultura indígena ao longo dos anos, como são e como o índio é visto pela sociedade urbana. Apresentando os principais teóricos que foram utilizados na construção do trabalho, os meios que se deu a pesquisa, e a seleção dos dados para o enriquecimento da pesquisa, tudo isso dentro da metodologia. Para finalizar terá as considerações finais que fará um breve resumo sobre todo o corpo do interesse pelo romantismo ou ainda em obter mais conhecimentos sobre a figura indígena, esperando assim contribuir para pesquisas futuras no campo acadêmico.



## 1 COMO SE DEU A ESCOLHA DA OBRA

A escolha recai sobre essa obra Iracema por ser uma das maiores obras que dá início ao Romantismo e retrata o índio de forma tão detalhada. Embora tenha gerado inúmeras polêmicas no modo como José de Alencar dá forma a esses detalhes da sua terra natal, isso se deve ao orgulho de ser cearense e querer nessa obra mostrar a sua visão em relação às belezas naturais da sua terra de origem, o romance, mostra a história dos personagens, destacando o amor da índia Iracema com o guerreiro Martim.

Iracema é a obra mais popular de José de Alencar, pois sempre que se fala do escritor, fala-se também de Iracema. Talvez o objetivo de José de Alencar fosse abraçar a literatura, pois o ponto forte dessa obra é a formação da nova sociedade brasileira. Esse aspecto pode ser constatado na escolha do espaço, das personagens, como também na linguagem utilizada.

A obra é um exemplo da tão ansiosa mudança desejada pelo autor de fazer um retrato da sua terra natal nas suas origens e ter o índio e a sua cultura como tema, isto é, fazer um retrato do homem totalmente brasileiro.

Alencar contribuiu para a criação de uma literatura nacional em que esta patente é uma maneira de pensar e sentir tipicamente brasileiras. A sua preocupação em retratar a sua terra e o seu povo foi tão grande que muitas das páginas dos seus livros relatam lendas, mitos, tradições, costumes e festas religiosas, observadas pessoalmente por ele nas várias viagens que fez pelo interior e pelas cidades, com o objetivo de abraçar cada vez mais os seus textos.

Contudo, não se fala de um autor escritor sem fazer uma breve consideração sobre a sua vida, pois isso ajuda a compreender e interpretar as suas obras e de uma forma geral, o mesmo autor considera que Iracema se limita a falar ao sentimento, que não pretende sair do coração, que tudo nela parece primitivo, a ingenuidade dos sentimentos, o pitoresco da linguagem, tudo, até a parte narrativa do livro, que nem parece obra de um poeta moderno, mas uma história do bardo indígena, contada aos irmãos, à porta da cabana, aos últimos raios solares.

A obra de José de Alencar abrange os grandes temas de nossa literatura romântica, incorporando quase todos os aspectos da realidade brasileira do seu tempo. Seus inúmeros personagens representam a busca do escritor em traçar o perfil do homem essencialmente brasileiro e de nossa realidade geográfica e

política. Um escritor que adere às características de idealização dos personagens, exaltação da nacionalidade e valorização da natureza.

Em *Noções de História da Literatura Brasileira*, o autor afirma que *Iracema* é o símbolo secreto de Alencar, o qual considera ser um poema épico, definidor da origem histórica, étnica e sociológica brasileira. O próprio autor de *Iracema* define a sua obra como lenda, dando-lhe o subtítulo de *Lenda do Ceará*. No primeiro capítulo escreve uma história que me contará e diz que a obra é irmã de *Ubirajara*: “chamo-o de lenda como ao outro”. Para Alfredo Bosi (2006, p. 24) “*Iracema* tem um sentido épico, embora não sendo uma epopeia”.

### **1.1 Sobre o autor José de Alencar**

José Martiniano de Alencar nasceu no dia 1 de maio de 1829, sete anos após a independência do Brasil, em Mecejana, no Ceará. Veio com sua família para o Rio de Janeiro em 1830 e com 14 anos mudou-se para São Paulo. Além de escritor, foi político, advogado e jornalista.

Longe da vida boêmia comum aos homens da segunda metade do século XIX, dedicava grande parte de sua vida à literatura. Filho de José Martiniano de Alencar, um ex - padre, e vulto de projeção na política liberal foi um dos animadores do clube da Maioridade, que levou D. Pedro ao trono em 1840, se tornou presidente da Província do Ceará e Senador do Império, e sua prima D. Ana Josefina. Era neto do comerciante português José Gonçalves dos Santos, do lado paterno, e de Bárbara de Alencar, dama pernambucana que viria a se consagrar heroína da revolução de 1817. Ela e o filho José Martiniano que, na altura era seminarista em Crato, passaram quatro anos presos por terem aderido ao movimento revolucionário surgido em Pernambuco.

Morto o pai, em 1860, Alencar entrou para a vida política elegendo-se seguidamente deputado provincial pelo Ceará e galgando a pasta da justiça no ministério conservador de 1868-70. Mas ao contrário do pai que sempre se batera por teses liberais, o romancista assumiu posições retrogradadas.

Tornou-se um dos maiores romancistas de nossa literatura. Além de *Iracema*, possui grandes clássicos, como *Cinco Minutos*, *O Guarani*, *A Viúva*, *Lucíola*, *O gaúcho*, *Senhora*, entre outros. Em sua obra podemos notar traços da realidade da

sociedade brasileira daquela época, e oposições como o branco e o índio, as cidades e o sertão.

Em São Paulo, Alencar ingressa na Faculdade de Direito e, nos primeiros anos, com apoio de alguns colegas da turma, funda a revista *Ensaio Literário*, em 1846, onde publica uma biografia do índio Poti, posteriormente personagem de *Iracema*. Transfere-se, em 1848, para a Faculdade de Direito de Olinda, em Pernambuco onde ele teve contato com textos de antigos cronistas, como Gabriel Soares e Pero Magalhães Gandavo, na biblioteca do Mosteiro de São Bento.

José de Alencar voltou a São Paulo após contrair uma tuberculose e formar-se em Direito em 1850, para no ano seguinte começar a exercer a advocacia, sem deixar de lado a literatura. Em 1854 começou a escrever numa secção no *Correio Mercantil*, intitulado *Ao Correr da Pena*, um misto de jornalismo e literatura, convidado por Francisco Otaviano de Almeida Rosa, seu colega de faculdade, em que comenta vários assuntos sobre Rio de Janeiro e do Brasil.

Em 1855, faz parte do grupo que fundou o jornal *Diário de Rio de Janeiro*, do qual era editor-chefe. Através desse jornal, publicou alguns textos que o tornaram conhecido em todo o país. No final de 1856, publicou um folhetim como brinde aos leitores do jornal e deu início à sua carreira de romancista. Depois publicou um curto romance intitulado *Cinco Minutos* (1856), que teve uma grande aceitação por parte do público leitor. Com esse estímulo, logo publicou um segundo romance, *A Viuvinha* (1860), cuja publicação interrompe quando por engano, um companheiro seu publica o final da história na *Revista de Domingo*. Deu-se início à publicação de *O Guarani* (1857) em que se revelou mais maduro.

Aos vinte e cinco anos apaixonou-se por Chiquinha Nogueira da Gama, uma das ricas herdeiras da época. O seu amor não foi correspondido e custou-lhe muito recuperar-se do orgulho ferido. Somente aos 35 anos conseguiu encontrar um amor como àquele, que soube tão bem representar em muitos dos seus romances. Casou-se com Georgina Cochrane, filha de um rico inglês, no dia 20 de Junho de 1864.

Em 1870, abandona a política, ressentido, após ser preterido para a vaga de Senador eleito pelo Ceará (1869), pois não gozava da simpatia do Imperador devido ao seu temperamento inconformado e independente. Também porque havia publicado duas séries de cartas ao Imperador (cartas a Erasmo, 1865, 1867) nas quais analisou a situação interna do país.

Alencar entra, então, numa fase de recolhimento, retirou-se para a vida privada. Contudo, sua produção literária intensifica-se com o projeto de descrição do Brasil, anunciada no prefácio do livro *Sonhos d'Ouro* (1872). Em 1876, viaja para a Europa para se tratar da tuberculose, que se tinha agravado. Ao morrer, a 12 de dezembro de 1877, Alencar era considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Sobretudo por Machado de Assis, seu amigo e admirador.

Para este “nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira.” Ele foi poeta, romancista, dramaturgo, crítico, jornalista e político.

Nota-se que a contribuição de José de Alencar é riquíssima, é motivo de muito respeito e admiração, por colegas literários e pelo público leitor que busca nas suas obras uma forma de admirar e entender um pouco mais a literatura brasileira.

## 1.2 O romantismo na historia

Já foi observado que o romantismo, tendo inovado completamente e sistematicamente a poesia e o drama, substituindo por um ideal novo, o ideal superado dos clássicos, não faria o mesmo com a ficção, principalmente na França, Inglaterra e Alemanha, onde a existência de importante tradição levaria o romance romântico á condição de mero prolongamento do romance dos séculos precedentes e em especial, das obras mais significativas do pré-românticos (COUTINHO, 199, p.231):

Mas o que aconteceu foi que no romance surgiu o melhor meio de representação das ideias mostradas pela liberdade de expressão onde entram em cena a subjetividade e a imaginação, igualando-se a um sonho e ainda uma liberdade de expressão espiritual em que passa desse plano sentimental para o papel em forma de poesia expressa em versos.

O romantismo teve início na Europa, no final do século XVIII, e difundiu-se no século XIX. Nesse período o domínio da razão foi substituído pela predominância da emoção e da fantasia. Passou-se a valorizar o mistério, passando assim a realidade para segundo plano. E foi na natureza que os escritores encontraram refúgio, mostrando que não aprovava a sociedade urbana, ou seja, era uma forma de protesto e mostrar que não estava satisfeito com a realidade.

Outra característica que se destaca é uma ligação entre o estado de ânimo dos personagens e a natureza. Se o personagem se encontra triste, desiludido, o céu, em solene simpatia, fica nublado, o tempo frio, e a garoa parece partilharem de suas dores. Coutinho mostra essa relação entre a natureza e obras literárias. (1996, p. 9):

Culto da natureza e a supervalorização pelo romantismo, a natureza era um lugar de refúgio, puro, não contaminada pela sociedade, lugar de cura física e espiritual. A natureza era a fonte de inspiração, guia, proteção amiga. Relacionada com esse culto, que teve tão avassalador domínio em todo o romantismo, foi a ideia do “bom selvagem” do homem simples e bom em estado de natureza, que Rousseau exprimiu: foi também a voga da ilha deserta, e de “paisagem” na pintura e na literatura paisagens exóticas e incomuns.

No caso do personagem estar feliz, a impressão é a de que seus sentimentos contaminam a natureza, que se apresentam coloridos, com flores desabrochando, o sol brilhando, como se ela festejasse também. Os sentimentos são comparados de acordo com a natureza, no caso da noite, solidão e tristezas muitas vezes representadas pela lua, já durante o dia é notado a alegria que vem junto com a luz do sol.

A idealização dos personagens e a valorização do amor também são características que aparecem em obras do romantismo. Os cavaleiros são inspirados nos cavaleiros andantes medievais, que seguem valores, tendo a honra como principal deles.

O amor é visto como um sentimento capaz de transformar o mundo e também com o objetivo central na vida das pessoas, a busca por esse amor conduz, muitas vezes, as duas situações extremas, uma entrega condicional ao sentimento ou lamentações por uma ilusão, um sofrimento muitas vezes por o amor não ser correspondido. Segundo Citelli (1993, p. 5):

A palavra romântico enleva e humilha, pois pode referir-se a uma atitude positiva, um gesto condenável, um sonho, ou a uma atitude para o pleno exercício do imaginário humano. Amor e glória, dedução e prazer, ou simplesmente irresponsabilidade e frustração, representam muitas das antinomias que já passaram pela cabeça do usuário do termo romântico. Com tais polaridades, caberia perguntar: afinal de contas o que é o romantismo, qual a magia que se esconde detrás de seus múltiplos desdobramento?

O romantismo traz consigo uma mistura de sentimentos, que muitas vezes se torna difícil de decifrar, todo o mistério que o cerca cheio de melancolias ou de emoção ao extremo. É importante para descobrir mais, até de si mesmo, ver até onde esses sentimentos podem ser dominados ou deixar-se dominar.

Nos textos românticos uma das figuras centrais é a do herói, aquele que busca destemidamente a concretização de seus ideais, tanto políticos quanto

amorosos, com a mesma intensidade com que luta contra as injustiças sociais e desafia a morte, ele se entrega ao sentimento amoroso mesmo sabendo que isso pode gerar um sofrimento.

Nos romances que apresentam heroínas românticas como personagens centrais, o tema dominante é a luta pela realização amorosa e pela ascensão social. Mostrando-se disposta a todo tipo de sacrifício em nome do amor, sem a aventura e a fantasia que, acreditam elas, só a entrega amorosa pode proporcionar. Nos romances que apresentam final feliz, a recompensa pela virtude e perseverança femininas costuma ser o casamento e uma nova colocação social. Pois, na maioria das vezes são de classes sociais diferentes.

O período romântico é rico em gêneros e as produções diversificadas fazem parte do Romantismo tanto os folhetins que têm como tema a realização amorosa, quanto os romances históricos, que tematizam as raízes que distinguem cada nação, os modos de vida e as lendas fundantes de um povo. Porém, com o passar do tempo, o termo romântico acabou adquirindo outros significados, nos estudos literários e artísticos em geral, dizer que um romance é romântico significa afirmar que ele pertence ao romantismo, dizer que algo é romântico pode significar que se trata de um texto sentimental, de tema amoroso, de exaltação da paixão. Ainda na visão de Adilson Citelli (1993 p. 9):

O que existe hoje são presentificações de gestos e valores que vicejaram pelo século XIX: um olhar sonhador, um comportamento evasivo, certo saudosismo e crenças de que o mundo já não é tão bom como antes, a viagem proporcionada pelas drogas, o intenso e muitas vezes platônico sentimento amoroso, são alguns dos múltiplos aspectos a que se chama comumente de postura romântica. É preciso ponderar, portanto, que ao se falar hoje em romantismo considera-se um conjunto de experiências humanas decorrentes de uma situação histórica precisa e que já não se confunde mais com aquele quadro de referências do século XIX.

São as experiências humanas que trouxeram essas modificações dentro do romance, deixando de ser algo inocente e sadio para se transformar em algo que já não é bom e nem bem visto pela sociedade, os romances escritos passaram a ter uma nova roupagem, para poder acompanhar a nova “sociedade romântica”

Isso ocorre porque grande parte da produção do romantismo dedicava-se a temática amorosa e, assim, o termo romântico virou sinônimo de história de amor, no entanto, é preciso compreender que o romantismo abrange produções bastante

diferentes entre si, devendo-se observar que nem todas elas seriam chamadas hoje de românticas.

Pode-se notar que todas as características citadas no texto estão presentes na obra *Iracema*: a relação com a natureza, às lutas dos índios que podem ser comparadas às dos cavaleiros medievais, o sacrifício da escolha, a mudança de vida depois do casamento, a morte devido à solidão, tudo isso pode ser percebido nessa relação entre texto, obra e período literário.

O Romantismo brasileiro tem fortes influências do Romantismo europeu. A literatura brasileira absorveu dele várias características. Porém, existe uma particularidade no Romantismo brasileiro que o faz diferente e que é uma marca indiscutível nos textos de alguns escritores da época, em particular, José de Alencar.

### **1.3 O romance indianista**

O romance indianista foi criado por José de Alencar, definido em nosso romantismo como corrente literária, traz o índio e seus costumes como foco literário, materializa-se no índio o “mito do bom selvagem” de Rousseau, ou seja, o homem é bom por natureza e o mundo é que o corrompe. Nessa figura do índio é que se constrói o herói, que para Moises (1974, pág. 272,273), este termo significa:

Homem divinizado, filho ou descendente de deuses. Designa o protagonista ou personagem principal (masculino ou feminino), da epopeia, prosa, de ficção (conto, novela, romance) e teatro. Na antiguidade clássica, o apelativo herói era destinado a todo ser fora do comum, capaz de obrar façanhas sobre-humanas, que o aproximassem dos deuses. Equivalia aos semideuses, produto da aliança entre um deus e uma mortal. A grandeza do seu eleito se media na vitória sobre os obstáculos que a própria natureza lhe antepunha. Instintivo, genuíno, puro, ignorante das forças que possuía, conduzia-se impelido por um dinamismo que se confundia com o próprio ato vital. A sua semelhança, o herói literário se caracterizava pela valentia, a coragem física e moral (...)

O índio era um modelo de coragem, destemido não tinha medo de lutar e até morreria se necessário para defender sua tribo, livre de malícias e corrupção. E por ser símbolo de tanta coragem passou a ser um herói na visão de muitos escritores, quem não se lembra de ter lido muitos romances, histórias de lutas e mesmo em filmes e novelas está lá à figura de um guerreiro com vestes simples, coberto com penas e o rosto pintado de tintas retiradas das árvores, alguém que não precisa de muito para viver.

Um dos maiores escritores em defender o índio e colocá-lo dentro de suas obras foi José de Alencar, sendo o maior autor do Romance Indianista no Brasil. A imagem do índio em seus romances sempre se opõe à imagem do homem branco, pois este é corrompido pelo mundo civilizado. Em suas obras, o indianismo, além de refletir o nacionalismo e a exaltação da natureza pátria, revela uma preocupação histórica. Seus romances de temática Indianista são três: O Guarani, Iracema e Ubirajara.

Esse autor vê o índio em três etapas diferentes: quando ele vivia isolado apenas no seu território, o primeiro contato do branco com o índio e a relação entre o índio com o branco. Esse índio representa um passado histórico, pois o modelo de herói criado deveria ser o passado e a tradição do país. E nessa visão o índio representa, na condição de habitante primitivo, o próprio símbolo de nacionalidade.

O Guarani é sua primeira obra indianista, os protagonistas dessa obra são Peri e Ceci, personagem produzido a partir de um enorme desejo de brasilidade e de paixão à pátria. Através dele, é feita a exaltação do índio, reunindo não apenas qualidades físicas aptas a fazerem dele um herói invencível, mas também a inteligência e os bons sentimentos que o transformam num verdadeiro rei das florestas, corajoso, dedicado e fiel. É ele, que junto com a família de portugueses, José de Alencar pretende mostrar o entrelaçamento das raças que dará origem ao brasileiro.

Tanto O Guarani e Iracema são romances fundadores, pois representam o início de uma raça. Em Iracema, a figura do índio aparece como herói romântico. Todas as imagens que Alencar utiliza para se referir à protagonista são retiradas da natureza local, identificando-a com essa natureza, fazendo dela símbolo do Brasil: Alencar (2001 p.16)

Iracema a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira; O favo de jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado; Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do lpu,...

De acordo com Arlindo Barbosa, Iracema representa simbolicamente, a América, cuja história se inicia pela exploração de suas riquezas pelos colonizadores ocidentais, os quais são representados no romance por Martim. Esse simbolismo já denota o cunho ideológico do romance, em que o explorador europeu vai suplantar o povo nativo da América.



Ubirajara é o outro romance indianista, que apresenta o índio no período anterior ao contato com o homem branco. Jaguarê, como se chama inicialmente o protagonista por já ter vencido o jaguar, pertence à tribo dos araguaiaias, e para que termine a sua formação para tornar-se o cacique de sua tribo, tem que demonstrar força, bravura, agilidade em combate, e só depois que derrota o chefe dos Tocantins é que passa a usar o nome de Ubirajara, que significa "o senhor da lança"

Para alguns autores, o indianismo alcança em Ubirajara a personificação da imagem do sentimento nacional. E ainda capta a necessidade brasileira de se afirmar como um espírito superior ao da metrópole. Vimos que todos os romances de José de Alencar trazem a figura do índio como desbravador e um guerreiro valente que não tem medo de enfrentar as batalhas pra alcançar tudo o que deseja, o índio é visto com bons olhos e representa uma cultura brasileira. Conforme Coutinho (1999, p.259)

O índio, ao contrário, era a escravidão e a invasão, não era escravo nem representava o trabalho; era americano e queria ser livre. Era o que convinha a Alencar, que tendo estudados os velhos cronistas e a vida dos nossos selvagens, só iria aproveitar o que fosse favorável ao índio ou conviesse aos seus propósitos. Propósitos de romancistas e não de historiador, e de romancista romântico, que elevou o indianismo a uma posição conseqüente e significativa, anteriormente ainda não alcançadas. Se o índio já servia de tema à poesia e mesmo ao romance, jamais fora, como em Alencar alçando a categoria de valorização da nacionalidade.

José de Alencar buscou nas suas obras representar não algo distante da realidade, mas o desejo que sentia os índios, sendo que para isso ele deu um tom poético e características românticas a essa realidade, utilizando sempre a natureza como cenário e a comparação aos índios, ele queria apresentar raízes brasileiras e culturas importantes que não poderia passar despercebidos aos olhos da sociedade.

## 2 METODOLOGIA

Segundo o dicionário Aurélio metodologia é um conjunto de procedimentos, regras, e técnicas em que se baseiam determinadas disciplinas, ou seja, é um método ou procedimento padronizado que se adota no estudo, na investigação, etc. visando à obtenção de certo resultado.

Este processo de pesquisa foi o que se utilizou na construção desse trabalho, com o intuito de esclarecer os objetivos encontrados na introdução e para isso contou com a ajuda dos principais teóricos citados no início da monografia. É a obra Iracema de José de Alencar para junto com os teóricos tecer a construção da heroína.

Em toda pesquisa faz-se necessário recorrer á materiais já existentes. De acordo com Gil (1994, p. 50):

Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. [...] A vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Isso se dá por conter um maior número de informações monográficas, ou seja, é um suporte na obtenção de novos conhecimentos que contribuiu e enriqueceu a pesquisa, facilitando os objetos de estudo.

Para isso é necessário uma leitura atenta e minuciosa para que dados importantes não passem despercebidos, conforme Marconi e Lakatos (2010, p.166):

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema em estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.[...]. “Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto.”

Deste modo, é importante a utilização de todos os materias que contenham informações que contribuam para a costrução do trabalho, tornando-se indispensável.

### 3 A CONSTRUÇÃO DA HEROÍNA ROMÂNTICA: IRACEMA DE JOSÉ DE ALENCAR

Não se pode falar em Iracema, sem falar de todo o mistério e romantismo presentes dentro da obra, e para isso falaremos um pouco desse período literário o Romantismo, que foi um movimento artístico intimamente ligado às transformações socioculturais, políticas e econômicas, no Brasil esse período do Romantismo está ligado à afirmação da nossa nacionalidade.

O romantismo reflete as ideias da burguesia, o qual será o novo público romântico, uma estética voltada para emoção, sentimento e subjetivismo, traços estes que serão encontrados dentro da obra de José de Alencar.

Antes mesmo de a literatura brasileira nascer, os antepassados ganharam as páginas de relatos de viajantes que, em outras línguas, levavam aos europeus suas impressões sobre o Novo Mundo, sua natureza e sua gente. Mas o selvagem exótico logo se transforma em herói do Romantismo e se transforma, no século XIX, em personagem da Literatura. A primeira razão para isso foi à valorização das teorias da bondade natural do homem que marcaram o Romantismo europeu, no final do século XVIII. Nas lições Candido (1995 p.19, 20, 21):

Segundo João Francisco Lisboa, um dos fatores do indianismo teria sido a natural reação contra os desmandos e violência do colonizador, por parte dos que estudavam o passado brasileiro. Neste sentido deram no extremo oposto, louvando o índio e vituperando português com igual demasia [...] o indianismo dos românticos, ao contrário, denota tendência para particularizar os grandes temas, as grandes atitudes de que se nutria a literatura ocidental, inserindo-as na realidade local, tratando-as como próprias de uma tradição brasileira.

O índio então virou moda no mundo e no Brasil e passou a ser referência para a criação de uma nacionalidade. Os escritores assumiram a missão de formar uma consciência de nacionalidade e os índios passaram a ser tratados como modelo de brasilidade. Por isso, eles passaram a ser retomados de maneira sistemática, sobretudo, nas narrativas de José de Alencar.

Iracema, obra de José de Alencar publicada em 1865, é tipicamente romântica, classifica é uma representação que dá origem a uma raça brasileira. Segundo Bosi (1994, p. 97) “a natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcade, decorativa, “ela significa e revela”. Percebe-se, assim, no excerto, que é essa natureza que se torna cenário amoroso para Iracema e Martim, os personagens principais para o desenvolvimento do romance alencariano. Nas lições

de Bosi “o romance foi a partir do romantismo, um excelente índice dos interesses da sociedade culta e semiculta do ocidente. A sua relevância no século XIX se compararia, hoje, á do cinema e da televisão”.

Nota-se que o romance se tornou extremamente importante para a cultura com seus encantos e mistérios, despertando a curiosidade e o interesse da população, com a leitura de obras e a análise de imagens faz com que o desejo de desvendar esses mistérios cresça, e o interesse pela literatura romântica aumente.

Naquela época não existia os aparelhos tecnológicos, a sociedade passa a ler mais as obras literárias, desse modo tendo uma cultura mais rica, chegando ao ápice por ser romântico e as pessoas sonhadoras se sentiam representadas ou desejavam viver um amor como o dos livros.

### **3.1 Importância do livro**

Publicado em 1865, Iracema, obra de José de Alencar, faz parte da tríade dos romances indianistas, sendo considerado o mais maduro deles, pois admite várias interpretações, com uma excelente estrutura narrativa. É considerado um poema em forma de prosa, com características épicas, em que tanto Martim como Iracema são heróis.

Iracema é uma típica heroína que representa o romantismo, espera o amado, se entrega a ele, fica com saudades, e morre por essa saudade. Possui personagens históricos, ou seja, que realmente existiram e fizeram parte da História do Brasil. Martim e Poti são um exemplo.

Além disso, o livro é escrito após a regularização da colonização do Ceará. Todo esse cenário de lendas, de amor proibido, serve para acontecer o nascimento do primeiro filho da miscigenação entre o branco e o índio.

Chamado por Machado de Assis de poema em prosa, chamando atenção desde o início pela forma de linguagem, em capítulos curtos, sobrepõem-se as imagens, e as comparações com o intuito de mostrar o nascimento de um novo mundo.

### 3.2 O índio do Brasil e o índio de José de Alencar

Neste capítulo, será feita uma comparação entre o índio representado na obra de Alencar e o índio dos dias atuais. Como já mencionado anteriormente, Iracema é exaltada pela natureza, tornando-se mais bela que a mesma, mostrando no decorrer da história seus costumes, seus hábitos, a bravura do índio, suas guerras e mais. O índio na obra está constantemente ligado à natureza, suas crenças e seus deuses são elementos dela. Chega então o colonizador, Martim, que conquista a amizade de um índio da tribo dos potiguaras, Poti, o mesmo acompanhando o amigo em batalhas e guerras contra as tribos inimigas.

No fim do livro, após a morte de Iracema e a volta de Martim, que tinha partido para sua terra, Poti considerando-o como um irmão, aceita a nova religião, a cristã, pois queria que tivessem ambos um só deus como tinha um só coração. Com isso, a religião cristã ganha força na terra selvagem, começando a colonização e os índios esquecendo-se de suas crenças.

Com o colonizador conquistando espaço no território brasileiro, os índios começaram a conseguir meios de sobreviver na floresta de pedra que vai surgindo ao longo dos séculos. Os nativos começam então a deixar seus costumes, suas crenças e suas identidades, que um dia viviam da pesca, da colheita, dos rituais e das pinturas, para viver em casas, usar computadores, falar uma nova língua, usar roupas de marcas e deixar a pintura, fazendo com que sua cultura fosse perdida a cada geração.

Poucas são as tribos que ainda são ligadas a seus costumes e crenças. Hoje, vê-se que a magnífica gama cultural indígena vem sendo esquecida, e não está longe o momento em que o índio que mora na tribo e caça para viver seja transformado apenas em um mito, ou uma lembrança.

Alencar foi buscar na selva e criou o indianismo, na prosa um herói quase que exclusivo fisicamente e virtudes difíceis de ser possuída, em um cenário exuberante, uma terra enfeitada, descrita verbalmente, juntando-se a um povo brasileiro de sentimento triste, voltado ao sentimentalismo e a amorosidade, Iracema entoando o canto da terra que surge através de uma imaginação criadora ou até mesmo de uma

idealização de personagens abrigados, encontrados na bagagem de um cearense que vem com valores correspondidos pelo um estado da alma.

### 3.3 Analisando o Herói

Geralmente da leitura de um romance fica a impressão duma série de fatos, organizados em enredo, e de personagens que vivem estes fatos. É uma impressão praticamente indissolúvel: quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; quando pensamos nestas, pensamos simultaneamente na vida que vivem, nos problemas em que se enredam na linha do seu destino—traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinada condições de ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagens exprimem ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorrem dele, os significados e valores que o animam (CANDIDO, 2009 p. 51)

Ao ler uma obra pode surgir um apego aos personagens, querer para eles destinos diferentes dos que mostram o enredo, isso por existir uma identificação entre leitor e personagens, muitas vezes personagens românticos, sofridos ou até mesmo de condutas ruins, mas que prendem a atenção,

Neste capítulo focou-se no estudo da personagem Iracema que traz uma imagem construída e idealizada de uma raça tipicamente brasileira, ou seja, os índios. A obra romântica narra o encontro de Iracema uma índia da tribo tabajara com um guerreiro e colonizador português, Martim soares. Feijó ( 1995, p. 104):

O herói é sempre um elemento da cultura, onde quer que ele se encontre, manipulado ou não, sofisticado ou mistificado, ele exerce o mesmo fascínio que o mito exerce sobre os primitivos, porque este tem haver com esferas de nos mesmos, que na maioria dos casos ainda desconhecemos.

Quando se ouve o termo herói lembra-se logo dos contos de fadas em que há um vilão e um príncipe, no qual correm e enfrentam, todos os perigos para salvar a mocinha, no caso a princesa, ambos enfrentam todas as dificuldades para que no final fiquem juntos e vivam felizes para sempre. Mas se pensarmos bem será que só existe esse tipo de herói de contos?

A resposta para esse questionamento seria que não se pode rotular, pois existe todo tipo de herói, não sendo só aquele que salva a mocinha ou ainda um príncipe bonito e musculoso. Para comprovar essa constatação Feijó (1995, p. 10) diz;

A questão do herói atravessa os tempos numa sobrevivência surpreendente. [...] Encontramos a questão do herói no mito, na história, na literatura, na antropologia, na psicologia, na história em quadrinhos e até no rock, todo herói tem seu lugar.

Os heróis surgiram desde os tempos da mitologia grega, todos já leram ou ouviram falar dos heróis gregos quem não se lembra do Hércules, homem forte e valente que lutava pelo bem do seu povo, podemos conhecer um pouco da história de Hércules pelos filmes, desenhos animados e mesmo histórias infantis.

Mas quais são os tipos de heróis? Feijó (1995, p.18) nas suas análises diz que existem quatro tipos:

O Herói do tipo rudimentar, arruaceiro, instintivo, desinibido, infantil e trapaceiro. Cínico e cruel aparece para os índios na forma de animal: é o *Trickster*. Os gregos também tinham um herói assim: era Dionísio, deus do vinho e da gandaia, que algumas vezes apareciam como tigre. Tribos da fronteira da Venezuela com o Brasil também tinham um herói parecido: chamavam de Macunaíma.

Esses são os heróis que não tem uma preocupação, mas que cumprem seu dever. Feijó (1995, p.19):

O segundo tipo é o herói fundador da cultura nativa, o transmissor das ervas medicinais, aparecendo para os índios na forma de lebre: é o Hare, herói cultural. É o herói que transmite alguma coisa aos homens. Entre os gregos correspondem ao mito de prometeu, Orfeu, Narciso, etc. este herói é sempre rebelde conta a ordem vigente e sempre paga um preço pela sua rebeldia.

Esse herói é como se fosse um médico, ele é um curandeiro que se dedica à produzir remédios ou ainda orações para os enfermos da sua comunidade, tudo isso com o intuito de fazer o bem e salvar vidas. Feijó (1995, p. 19 ):

O terceiro tipo do ciclo é o mais comum: o herói valente, o guerreiro, o fazedor de façanhas, foi chamado de *Redhorn* ( Chifre vermelho). Entre os gregos encontramos os filhos de zebus, como também Hércules, Aquiles, Ulisses, etc. pode também ser um herói criador de religião, assemelha-se no oriente ao Buda, no Ocidente ao Cristo

Esse terceiro é o que mais encontramos nos filmes, desenhos animados fábulas que puxam a imaginação e desperta carinho por ser valente. Feijó (1995, p.19):

O quarto tipo é muito parecido com o terceiro, só que em dose dupla, são os heróis gêmeos (os twins), mas diferentes em caráter: um, tímido, sem iniciativa, introvertido, e o outro, dinâmico, rebelde, extrovertido. Neste estaria contido o auge do herói, mas também, motivada pelo seu extremo orgulho, a causa de sua morte. Para os romanos eram irmão gêmeos

Rômulo e Remo, sendo que o primeiro matou o segundo para fundar a cidade de Roma.

Percebe-se que a gama de heróis não é pequena e que existem vários tipos, a cada época surge um que chama a atenção e desperta a simpatia das pessoas e os que fazem história não são esquecidos, podendo ser imitados de certo modo para a construção de um novo tipo, retirar traços que construa o outro

Apesar da literatura estar repleta de heróis e heroínas, no desenvolver deste trabalho será estudada a construção da heroína de José de Alencar, a Iracema, índia da tribo tabajara e que carrega uma missão: manter-se pura para que pudesse fazer a bebida para o pajé da sua tribo.

O livro começa com a parte final da história de Iracema, Martim e a criança Moacir seu filho com Iracema e um jangadeiro partindo das terras do Ceará rumo a Portugal, logo após a morte de Iracema.

O início da história se dá no segundo capítulo do livro onde há o encontro de Martim e Iracema; representados logo a seguir. Alencar ( 2001, p. 7):

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira é uma guerreira da nação tabajara, está repousando em um claro na floresta, a graciosa ará sua amiga e companheira, a acompanha. De repente, surge entre as folhagens um guerreiro que tem na face o branco das areias que bordam o mar, nos olhos o azul triste das águas profundas, é Martim, que recebe uma flechada no rosto, provinda de Iracema, assustada.

A citação acima mostra o encontro dos protagonistas da obra, o guerreiro branco com a índia da tribo tabajara, nesse trecho há a comparação de Iracema com os elementos da natureza, já Martim é comparado aos elementos do mar, no momento do encontro Iracema assustada atira uma flecha contra Martim, que não revida o ataque sofrido, arrependida da atitude, juntos sorriem e quebram a flecha em um sinal de amizade e paz. Ricupero (2004 p.171):

No grande romance indianista Iracema, o amor entre a índia e o europeu chega a consumir-se, resultando inclusive no nascimento de um filho. O cenário do romance e a fundação do Ceará, no início do século XVII, contando com a presença costumeira de tribos hostis, os tabajaras, e simpáticas ao conquistador, os potiguaras.

Depois deste episódio Martim é levado para a cabana do pai de Iracema o pajé Araquém; Alencar (2001, p.9):

Araquém diz a Martim que esse é senhor em sua cabana e que os tabajaras tinham mil guerreiros para defendê-lo e mulheres sem conta para servi-lo.



Martim conta ao pajé, então, que é amigo dos potiguaras, tribo inimiga dos tabajaras, uma vez que o bravo Poti, havia plantado com ele a árvore da amizade. Mesmo assim Araquém afirma que o estrangeiro é bem-vindo em sua taba.

A forma como José de Alencar descreve o encontro entre tribos diferentes traz algumas polêmicas, pois ele fala como se esses índios fossem domesticados, vindo de uma cultura em que existe uma amizade sem rivalidade entre tribos diferentes. Se forem analisados, naquela época os índios viviam em matas fechadas sem nenhum contato com a civilização, então como poderiam ser hospitaleiros dessa forma? As tribos eram rivais e não tinham contato sem conflito. Ricupero (2004, p. 172):

Em Iracema não é o índio que se encontra no meio dos brancos, mas o guerreiro cristão Martim. Na verdade, Martim Soares Moreno, que está entre os “infieis”. Assim em Iracema é o protagonista masculino que representa a civilização, identificando-se a natureza com “a virgem dos lábios de mel” que seduz o guerreiro europeu.

Ao retratar o mundo selvagem e primitivo dos índios, José de Alencar reveste a sua prosa de um tom poético e de certa forma ingênuo, tentando assim dar uma visão da realidade focalizada a partir da visão do índio, as imagens, as comparações, a forma de se exprimir, mostra o índio integrado ao seu habitat natural é como se o escritor sugerisse o nascimento de um mundo novo.

Neste mundo indígena e em um paraíso tropical paradisíaco passa a existir um amor proibido, Iracema sabendo que não pode amar, busca meios de tirar Martim dos seus pensamentos, para isso ela segue ordens do pajé e busca para o amado as mais belas mulheres da tribo para servi-lo. Mas já presos à beleza e encantos da índia Iracema, se recusa a aceitar outra mulher que não seja ela. Iracema responde que “não pode ser tua serva. É ela que guarda o segredo da jurema e o mistério do sonho”.

Martim desiludido deseja partir para junto dos seus companheiros e onde deixou sua noiva, mas que já não era tão importante desde que conheceu Iracema. Segundo ele, “ela não é mais doce do que Iracema, a virgem dos lábios de mel nem mais formosa”. Cheios de sentimentos e desejos emudeceram os dois e passaram a ouvir apenas as palpitações que ambos sentiam, estremecendo no peito. Na visão de Ricupero (2004 p.173);

Martim é um personagem deslocado, apesar de seu amor por Iracema, não consegue integrar-se, de todo, na vida da tribo indígena. Mesmo do seu

amor não tem certeza, ainda estando bastante fresca na memória a lembrança de outra mulher, loura. Martim chega-se a afastar-se de Iracema, período durante o qual a índia dá à luz o filho, Moacir o nascido do meu sofrimento. Consumida pela paixão Iracema se sacrifica, mal tendo forças para entregar o filho ao amado, antes de morrer.

O desejo de Iracema de animar Martim faz com que ela o leve ao bosque sagrado onde o serve com um estranho licor no qual faz com que o português adormeça e comece a sonhar beijando-a e abraçando-a, mas que pode ser interpretada não como sonho, mais como fato ocorrido, era nessas horas de “alucinação” que os desejos de ambos eram concretizados, sendo entendidos assim no decorrer da leitura do livro. Alencar ( 2001 p.7)

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo do jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado. Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a Terra com as primeiras águas.

Nesse fragmento José de Alencar mostra a sua idealização da mulher perfeita juntamente com os elementos da natureza, a índia passa a ser sublime na visão do autor, tornando-a superior a tudo que o rodeia, mesmo sendo belo nada se iguala à beleza de Iracema. Em alguns trechos, mostra-se ingênua, mas revestida de coragem que enfrenta os perigos selvagens sem nenhum temor e ainda guerreiros das tribos inimigas. Alencar (2001 p.17):

Quando o segundo pio da inhuma ressoou, Iracema corria na mata, como a corça perseguida pelo caçador. Só respirou chegando á campina, que recortava o bosque, como um grande em uma se lago. Que seus olhos primeiro viram, Martim, estava tranquilamente sentado em uma sapopema, olhando, olhando o que passava ali. Contra, cem guerreiros tabajaras, com irapuã á frente formavam arco. O bravo Caubi os afrontava a todos, com o olhar cheio de ira e as armas valentes empunhadas na mão robusta. [...] a filha do pajé passara como uma flecha: ei-la diante de Martim, opondo-se também seu corpo gentil aos golpes dos guerreiros.

Mesmo ela sendo um modelo de determinação, teve um estímulo a mais para tanta agilidade, a preocupação em salvar o amado que estava em perigo por tribos inimigas. Aqui nota-se não só a coragem da virgem dos lábios de mel, mas a força e a coragem dos índios de maneira geral, que não tinham medo de enfrentar batalhas e mesmo sendo muitos inimigos não fugiam da luta, pois assim seriam vistos como fortes guerreiros, ou seja, os heróis indígenas.

Iracema descreve toda a sua tristeza caso Martim parta e a deixe “a juriti quando a árvore seca abandona o ninho em que nasceu. Nunca mais a alegria volta ao seio de Iracema: ela vai ficar, como o tronco nu, sem ramas, nem sombras” o que fazer nessa hora em que tudo que os rodeia é a tristeza e o medo do abandono, para Martim restava apenas abraçar a amada e tentar confortá-la junto a seu peito embora ela soubesse que era proibida para o guerreiro, assim como ele era pra ela, sendo considerada a sacerdotisa de tupã.

Seu corpo não podia ser tocado, tal gesto seria punido com a morte, mas o amor se sobressai e a solução para a concretização desse amor foi tornar-se desobediente a tupã e a sua tribo tento como fuga da realidade, o inconsciente que se dava na hora em que o guerreiro tomava a bebida servida pela heroína pra a realização do amor carnal onde ambos se tocam e se beijam intimamente. Bernardo Ricupero (2004 p. 173):

É possível mesmo considerar que o sacrifício seria um elemento constitutivo da condição americana (...). Em Iracema, entretanto, a índia, parte da natureza, quase extensão dela não é violentada pelo europeu, mas o seduz. Mesmo assim ou provavelmente até por isso Martim abandona Iracema.

Nota-se que tudo o que acontece não é forçado, ou seja, tudo é da vontade da índia podendo até ser dito que é provocada por ela, sua sedução faz com que Martim a possua e esse envolvimento faz surgir algo novo como pode se ver no fragmento de Ricupero (2004, p. 171):

Fica indicado em Iracema, que da relação entre natureza americana e civilização europeia, deve surgir algo novo, possivelmente uma civilização americana. O sacrifício de Iracema sugere até que no consórcio entre civilização e natureza, Europa e América elemento nativo tem importância sobretudo, como lembrança, incorporada á civilização de origem Europeia.

Percebe-se aqui que surge uma nova raça dessa união entre índio e europeu, algo novo e tipicamente brasileiro, essa que dará uma nova roupagem ao Brasil aonde junto com Moacir virá uma cultura diferente, uma linguagem diferente, a pele será diferente, mas que não deixará de ser belo, pois tudo que é novo aflora um interesse e é essa nova raça que surgiu no século XVII que ainda reina no século XXI fazendo aparecer sempre novas culturas, novas peles, novos olhares, olhares de um Brasil onde existe lugar para todos. Segundo Ricupero (2004 p. 172):

Na verdade o indianismo se depara desde o seu início com o problema da mestiçagem mesmo antes de existir como movimento (...) em Alencar, ele já

está sendo domesticado, sendo incorporado a ideologia da conciliação com o ideal para a superação de conflitos entre grupos antagônicos.

É na obra *Iracema* que começa a surgir às mudanças que faz a diferença nos dias de hoje, ajudando a construir um Brasil de todas as cores, no qual o índio não é mais visto como um selvagem e sim como um ser civilizado, embora ainda exista o preconceito por parte de pessoas sem conhecimento de mundo em que ao falar de índio, ainda olha como se o índio andasse nu e fossem canibais.

José de Alencar buscou retratar esse índio de forma diferente, um indivíduo hospitaleiro, ele quis sim criar uma cultura diferente da que existia naquela época, na qual as culturas podiam e deviam se misturar para surgimento de outras e que isso não geraria conflitos e sim traria riquezas para o Brasil. Ricupero (2004 p.172):

De maneira geral *Iracema* enquadra-se no modelo proposto por Sommer. O livro é uma história de amor entre nativos e brancos. Os elementos presentes em *Iracema* estão particularmente próximos da caracterização proposta pela crítica. A heroína é indígena e seu amor por um guerreiro europeu, apesar de não levar ao casamento, mas a sua morte, gera um filho o primeiro cearense. A memória da mulher que rejeitou talvez contribua mesmo para que Martim não possa se fixar na terra em que nasceu seu filho, o qual, ainda no berço, deixa o Ceará junto com o pai. Num tom épico Alencar chega a perguntar: “havia aí uma predestinação de uma raça”? Portanto, a diferença de *Iracema* em relação a esse tipo de romance estaria precisamente na vocação particular de emigrar de um povo, o cearense.

Na citação acima pode ser resumido e ficando ainda mais claro tudo o que a obra quis repassar, toda a realidade de um amor proibido, as dificuldades enfrentadas, as lembranças que o tempo não pode apagar, uma saudade daquilo que não podia ser mais vivido, em meios a tantos contratempos o arrependimento de ter seguido por um caminho diferente, mas que todos os caminhos trazem consigo uma lição e algo bom, no caso de *Iracema* e Martim nada melhor do que poder contribuir para a formação de um lugar nesse mundo tão grande.

A vida de *Iracema* pode ser comparada a caixa de Pandora, Feijó (1995 p.16):

Um dia Pandora descobriu uma caixa e abriu, estavam guardados todos os flagelos humanos: a dor, o sofrimento, a velhice, a miséria, a guerra, etc. ao abrir a caixa, Pandora liberou tudo isso de uma só vez e os homens deixaram de ser felizes e isentos de todo o mal. Pandora, assustada, ainda tentou fechar a caixa. Era tarde. Só uma coisa acabou ficando no fundo da caixa: a esperança.

Assim como Pandora fez, *Iracema* que vivia tranquila em sua tribo, mas que queria descobrir alguns prazeres que ainda os eram desconhecidos, mas que junto a descoberta veio os males que existiam na caixa de Pandora, a índia sentiu na pele a

dor e a guerra de deixar uma vida tranquila pra viver algo novo, causando não só para si essa tristeza, mas para sua tribo que depositou um confiança na moça pura.

Para Iracema será que ainda existia essa esperança que pandora deixou na caixa? Para ele não só a esperança, como também um desejo de construir uma família junto a seu esposo e filho mesmo que para isso fosse preciso rejeitar a sua família indígena. Conforme Coutinho (1999 p. 259):

O grande nome do romance histórico brasileiro foi José de Alencar, que impregnado pela independência recente do país e preocupado com a nossa independência literária elaborou uma vasta obra marcada pela presença desse heroísmo guerreiro. Mas seus heróis são elementos da terra: índios, sertanejos, gaúchos, bandeirantes idealizados.

A índia Iracema, que se entrega por amor a Martim, tem a função de simbolizar, no romance, a presença do elemento nacional, da cor local, existente na criação de seus traços físicos, que é feita por comparação com elementos da natureza. Embora psicologicamente Iracema se assemelhe às heroínas românticas europeias, constitui, nessa fusão de elementos da cor local com elementos do romantismo europeu, um mito fundador da pátria.

De acordo com o romantismo europeu, Iracema pode ser caracterizada como um exemplo de "mulher-anjo" virgem, delicada, bela, capaz de se sacrificar pelo homem que ama: Martim. Essa característica de Iracema mostra que embora o narrador privilegie os seus sentimentos e pensamentos ao longo da história, idealizando o índio, que ela representa, o seu ponto de vista ao contar, torna-se o do branco colonizador, na medida em que "europeiza" e "romantiza" Iracema.

A índia era bela despertando o desejo dos homens e das mulheres, pela parte masculina o desejo de possuí-la e pelo lado feminino o desejo de ser bela como ela, isso pode ser identificado em uma passagem no livro

Iracema, na obra, representa a cultura indígena, e possui uma postura submissa a Martim, representando assim o ideal de submissão que o índio teria ao branco como também vemos traços da submissão por parte da mulher. Alencar (2001 p. 41):

Tu podes partir Iracema seguirá teu rastro; chegando aqui verá tua seta e obedecerá a tua vontade. Martim sorriu e quebrando um ramo do maracujá, a flor da lembrança, o entrelaçou na haste da seta, e partiu enfim seguido por Poti.

A mulher já era criada com a missão de obedecer ao marido, pois era ele quem possuía o poder, que sustentava a casa, então a mulher tinha que acatar todas as decisões sem direito a dar a sua opinião. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor, sofrem mais da alma que da ferida.

Apesar de ser incomum na cultura indígena, Iracema se mantém casta até o encontro com Martim. Não poderia ser diferente, já que seria inaceitável um branco se casar com uma índia que não fosse casta, segundo as tradições religiosas.

Se por um lado Iracema representa todo o imaginário indígena, Martim traz a figura do branco colonizador, que é também guerreiro, assim como o índio, e igualmente forte, se comparado a ele. Além disso, fica dividido entre a cultura branca e indígena ao se afastar da sua cultura, sente falta dela. Essa saudade que Martim sente de sua tribo é o motivo que o leva a se manter distante de Iracema, durante o desenrolar da trama.

Antes da invasão portuguesa pode-se notar toda a alegria que rodeia um povo e os benefícios de um solo fértil e com suas riquezas naturais, onde as tradições e costumes passam de geração para geração, mas depois de uma invasão tudo muda de figura e o engano passa a ser o personagem principal de algo ruim, as terras eram as que mais sofriam com essa invasão, suas riquezas eram arrancadas para serem exportadas, um solo esplêndido passou a ser um solo sofrido onde lhe tiraram seus filhos que eram suas árvores, suas joias são representadas pelas pedras preciosas dentre outros elementos que pertencem não há um povo, mas a uma terra.

### **3.4 Identificando o perfil de Iracema**

O culto da natureza promoveu a valorização do pitoresco, alimento do nativismo e da descrição da realidade; a moda pastoril encaminhou para a valorização do homem natural que para nos foi sobretudo, índio (CANDIDO, 1981, p. 72).

Nota-se que a valorização do índio nas grandes obras se dá por parte da natureza, pois há muito a comparação dos elementos da natureza com os personagens indianista, muitas vezes nos títulos das obras encontra-se esse destaque da natureza.

Na obra Iracema pode-se notar mais nitidamente essas ocorrências, pois a todo o momento são vistas essas comparações, tornando-se quase um só elemento.

E é um pouco desse perfil da heroína que será traçado neste capítulo. José de Alencar, em Iracema, personagem conhecida como a “virgem dos lábios de mel”, os lábios de Iracema eram doces como o mel embora nunca tivesse sido beijados, sendo pura e inocente, amiga de todos os animais em especial da jandaia que era sua amiga e companheira, ao longo da leitura do livro é encontrado um traço que mostra quanto os lábios de Iracema não são mais puros como antes. Alencar (2001, p. 14):

O mel dos lábios de Iracema é como o favo que a abelha fabrica no tronco da guabiroba: tem na doçura o veneno. A virgem dos olhos azuis e dos cabelos do sol guarda para seu guerreiro na taba dos brancos o mel da açucena.

Percebe-se que a paixão de Martim aumenta ao sentir os lábios da índia, nota-se isso quando ele diz que ela tem nos lábios “doçura e veneno”, pois assim ele se prende sentimentalmente a ela e guarda no seu coração o gosto dos seus beijos.

Nota-se que o perfil de Iracema é o de uma moça jovem e bonita que desperta paixões, simples, nobre, a primeira vista ingênua e sem malícias. Mas porque a primeira vista? Ao longo do desenrolar da trama vê-se que ela passa a seduzir Martim, ora o seduz, ora finge-se de ingênua para despertar ainda mais o desejo do guerreiro. Prova disso é que ela o leva para sua cabana e dar-lhe uma bebida que causa alucinações como já foi citado mais acima, isso prova que ele carrega consigo segundas intenções a fim de seduzi-lo.

Iracema possui traços da Eva, seduz o homem, passando de uma alegria para o momento de sofrimento, por não aceitar as coisas como são, e tentar modificar o seu rumo e a floresta seriam o jardim do Éden que serve de cenário para a construção poética.

Apesar de tudo isso, possui traços de submissão depois que se torna esposa do colonizador, tendo em vista que as mulheres sempre seriam obedientes aos pais e depois ao marido, tanta obediência se tornava uma relação quase de patrão e empregado. Ou ainda a submissão que o índio teria ao homem branco se sentindo inferior a ele, talvez por a falta de conhecimento que predominava naquela época.

A relação com a natureza, ou melhor, a comparação com a natureza era muito forte como veremos em um trecho retirado do livro de Alencar (2001 p. 7):

Iracema a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira. Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu,

mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia com as palmeiras águas.

Iracema era ágil, rápida e destemida, sem medo de enfrentar os perigos, vivia como um animalzinho selvagem sem nem um luxo, mas rodeada de belezas naturais que se misturavam com as dela, como pode ser notado na citação acima.

O encontro de culturas por mais que se pareça amigável e apaixonante pode ter outras interpretações a partir desse encontro. No interior da narrativa, Alencar (2001, p. 8) assim discorre, a saber:

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignoras armas e tecido ignoto cobre-lhe o corpo. Foi rápido como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

Aqui se notou o medo e a desconfiança pela presença de algo desconhecido, por ser para os índios um povo estranho do qual não tinham nenhum contato até então e totalmente diferente tanto no físico como na cultura, bem vestidos algo que os índios não sabiam o que era, mas talvez tenha sido esse diferente que despertou o interesse da heroína, em busca de conhecê-lo, faz com que haja uma nova aproximação, tornando-se amigos.

Iracema já apaixonada se sente profundamente triste quando sabe que seu amado guerreiro precisa partir novamente deixando-a, a tristeza de ambos é muito grande por não poder viver esse amor. Na citação abaixo percebe-se que há um diálogo entre os dois, uma triste despedida que machuca o coração português e a alma indígena. Alencar (2001, p. 16):

Enquanto Caubi pendurava no fumeiro as peças da caça Iracema colheu as sua alva rede de algodão com franjas de pena, e acomodou-a, dentro do uru de palha trançada; Martim a esperava na porta da cabana. A virgem veio a ele: guerreiro que leva o sono dos meus olhos leva a minha rede também, quando nela dormires, falem em tua alma os sonhos de Iracema. Tua rede virgem dos tabajaras será minha companheira no deserto: venha embora o vento frio da noite, ele guardará para o estrangeiro o calor e o perfume do seio de Iracema. [...] à tarde e a tristeza do sol. Os dias de Iracema vão ser longas tardes sem manha, ate que venha para ela a grande noite. O mancebo se voltara. Seus lábios emudeceram, mas os olhos falaram. Uma lagrima correu pela face guerreira [...] o seio da filha de Araquém arfou, como o resto da vaga que se franja de espuma, e soluçou [...] a boca do guerreiro passou na boca mimosa da virgem. Ficaram assim unidas como dois frutos gêmeos do araçá, que saíram do seio da mesma flor. [...] a voz de Caubi chamou o estrangeiro. Iracema abraçou para não cair o tronco de uma palmeira.



Mesmo com a distância, os dois desejam se sentirem próximos, sendo assim, Iracema entrega-lhe um objeto de uso pessoal que remeta para Martim seu cheiro e sua lembrança, ver-se a total melancolia, traços do período romântico em que há esse apego sentimental, levando a profunda tristeza e possivelmente a morte. Sem palavras para expressar os sentimentos, passam a senti-los através do corpo e do olhar que cheio de lágrimas, diz que o desejo é o de ficarem juntos mesmo sendo proibido o amor entre ambos.

Chega a hora da partida e agora sem mais solução falta o chão, as forças de Iracema somem, suas pernas não a obedecem e a necessidade de proteger-se da queda faz com que segure em uma árvore, pois a dor da despedida é amarga e a incerteza se ainda o verá atormenta a alma e o coração.

Essa passagem é puramente poesia é como se a cena estivesse passando diante dos olhos, a imagem dessa despedida está nitidamente como se o público fosse personagem da narrativa, mesmo o abraço pode ser sentido. E ainda tudo se volta de certo modo para a natureza.

Alguns contratempos surgem no caminho de volta para casa e Iracema resgata o namorado novamente para a sua tribo. Passando-se alguns dias, não sendo mais possível adiar o regresso, Martim arruma-se para partir e a Virgem foge com ele deixando para traz a sua tribo. Alencar (2001, p. 28):

Tua escrava te acompanhará guerreiro branco; porque teu sangue dorme em seu seio. [...] vem: enquanto não pisares as praias dos pitiguaras, tua vida corre perigo. Martim seguiu silenciosamente a virgem, que fugia entre as árvores como a selvagem cutia.

Mesmo fugindo para ser feliz, a tristeza os perseguia, pois o medo de serem castigados os atormentava, a lembrança dos que ficaram não os deixavam ter sôsego, uma mistura de saudade e remorso por ambas as partes, faz com que a felicidade não seja como a esperada por eles.

Passando-se algum tempo, Iracema engravida, abaixo tem o momento em que ela dá a notícia ao esposo. Alencar (2001, p. 37):

Teu sangue já vive no seio de Iracema. Ela será mãe de teu filho! Filho, dizes tu! Ajoelhou ali e, cingindo-a com os braços, beijou o ventre fecundo da esposa. “a felicidade do mancebo é a esposa e o amigo; a primeira da alegria; o segundo da força: o guerreiro sem a esposa é como a árvore solitária no meio do campo que o vento embalança: o fruto dela nunca amadurece. A felicidade do varão é a prole, que nasce dele e faz seu orgulho; cada guerreiro que sai de suas veias é mais um galho que leva o seu nome as nuvens, como a grimpã do cedro. Amado de Tupã é o guerreiro que tem

uma esposa, um amigo e muitos filhos; ele nada mais deseja se não a morte gloriosa.”

A felicidade de Martim é imensa, sendo muito agradecido por tudo o que tens de mais precioso, como ele cita que é sua mulher, seu amigo e agora um filho, seu herdeiro que não deixará seu nome se apagar, essa criança será a construção de uma nova história.

Apesar da felicidade em ser mãe, Iracema não se sentia totalmente feliz, pois Martim estava sempre viajando em lutas e a saudade a atormentava, pois não tinha ninguém para se aproximar e vivia sozinha com seus pensamentos. Mas sempre a espera do amado, quando o via de volta tudo era pura felicidade, seu corpo estremecia quando sentia o calor do corpo do guerreiro. Novamente, Martim viaja e agora sozinha é chegada a hora de dar a luz. Alencar (2001, p. 46):

Iracema cuidou que o seio rompia-se; e buscou a margem do rio, onde crescia o coqueiro. Estreitou-se com a haste da palmeira. A dor lacrou suas entranhas; porém logo o choro infantil inundou todo o seu ser de júbilo. A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com ele arranhou-se às águas límpidas do rio. Depois o suspendeu a teta mimosa: seus olhos então o envolvia de tristeza e amor.

A índia se mostra novamente muito corajosa e valente, deu a luz sozinha e tomou todos os cuidados para que tudo ocorresse bem, apesar de que as índias já são preparadas para dar a luz dessa forma, pois vivem na floresta e não conhecem outra forma a não ser essa a qual Iracema passou. Muito feliz por ter conseguido ser mãe, mas ao mesmo tempo triste por não ter consigo seu esposo, o pai de seu filho para viver junto esse momento de alegria. A sua tristeza acaba fazendo mal a seu filho. Alencar (2001, p. 48):

Iracema curte dor, como nunca sentiu; parece que exaurem a vida, mas os seios vão-se intumescendo; apoiaram afinal, e o leite, ainda rubro do sangue, de que se formou, esguicha. [...] A filha de Araquém sentiu afinal que suas veias se estancavam; e com tudo o lábio amargo de tristeza recusava o alimento que devia restaurar - lhe as forças. O gemido e o suspiro tinham crestado o sorriso o sabor em sua boca formosa.

Por causa de sua tristeza não consegue se alimentar para que possa recuperar suas forças e cuidar bem do filho, seus seios tinham muito leite, mas devido a não se cuidar, começa a sumir até que não haja mais nada, causando um mal mesmo sem querer ao pequenino. A cada dia seu estado piora, se sentindo sem forças para continuar esperando seu amado, a preocupação em não estar

alimentando como devia o seu filho só fazia ela piorar, porém mesmo assim não conseguia sair da situação na qual se encontrava.

Agora sem força começa a sentir as agonias para partir, temia em deixar seu filho sozinho, pois sabia que não teria como ele sobreviver, Martim agora estava chegando a casa e a primeira cena que ele vê é a triste esposa com seu filho nos braços. Alencar (2001, p. 49):

[...] De repente, entre os ramos das árvores seus olhos viram, sentada à porta da cabana, Iracema com o filho no regaço e o cão a brincar. Seu coração arrastou de um ímpeto, e toda a alma lhe estalou nos lábios; a triste esposa só abriu os olhos, ouvindo a voz amada. Com esforço grande pôde erguer os filhos nos braços e apresentá-lo ao pai, que o olhava estático em seu amor. ---recebe o filho de teu sangue. Chegas-te a tempo; meus seios ingratos já não tinham mais alimento para dar-lhe! Pousando a criança nos braços paternos, a desventura mãe desfaleceu [...] o esposo viu como a dor tinha murchado seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela [...] Iracema não se ergueu mais da rede onde a pousaram os aflitos braços de Martim[...] enterra o corpo de tua esposa ao pé do coqueiro que tu amastes. Quando o vento do mar soprar nas folhas, Iracema pensara que é tua voz que fala entre seus cabelos. O lábio emudeceu-se para sempre; o último lampejo despediu-se dos olhos baços.

Depois de tantos contratempos Iracema morre deixando seu filho e seu amado, mesmo Martim tentando animá-la, ela não consegue mais reagir, suas forças já tinham acabado e não tinha mais vontade e desejo de lutar por sua vida, pois sabia que a tristeza sempre estaria ao seu redor, Martim se sentia culpado por aquela situação e em seus últimos momentos tentava suprir a falta que a índia sentia, seu último pedido era pra que fosse enterrada perto de algo que seria lembrado por Martim, assim nunca a esqueceria. A jandaia sua amiga e companheira que mesmo ficando em sua tribo, segue o rastro de Iracema e agora ficaria acompanhando-a mesmo depois da morte. O amigo Poti tentava consolar o amigo pelo triste acontecimento.

Iracema antes da sua Morte nomeia o filho de Moacir que significa filho da dor, por causa de toda a dor que ela sentia depois de todos os acontecimentos vividos por ela. Martim parte com seu filho para outras terras e assim surge o primeiro cearense como também uma nova raça dessa mistura de raças.

O título Iracema é anagrama de América, terra brasileira, e a personagem principal são femininas e tem o mesmo nome, enquanto que colonizador é sempre masculino. Além disso, a personagem Iracema é descrita sempre em comparação com a natureza ou animais. Essas descrições são feitas de forma a mostrar a

superioridade desta em relação à natureza. Nela tudo é perfeito e acaba por despertar o amor do homem branco colonizador por ela. Bosi (2006, p.143):

O período orgânico desta literatura conta já três fases. A primitiva, que se podem chamar aborígenes, são lendas e mitos da terra selvagem e conquistada; são as tradições que embalaram a infância do povo, ele escutava como filho a quem a mãe acalenta no berço com as canções da pátria, que abandonou. Iracema pertence a essa literatura primitiva, cheia de santidade e enlevo, para aqueles que venceram na terra da pátria a mãe fecunda - *alma mater*, e não enxergam nela apenas o chão onde pisam. O segundo período é histórico: representa o consórcio do povo invasor com a terra americana que dela recebiam a cultura, e lhe retribuía nos eflúvios de sua natureza virgem e nas verberações de um solo esplêndido.

O romance de Martim e Iracema tem como metáfora a criação do Ceará. Através da história, o autor cria uma lenda de como o estado teria sido criado. Pois quando Iracema morre, ela é enterrada por Martim e seu amigo Poti à beira de um coqueiro de que ela gostava muito. Diante desse coqueiro, sempre se ouvia um lamento; era o lamento de sua ave de estimação, que sentia sua falta. Assim, o canto da jandaia se chamava de Ceará, onde ali foi fundada.

As aventuras da heroína Iracema ultrapassam os limites da literatura no Ceará passando a ser ponto turístico. Um dos principais circuitos culturais de Fortaleza está localizado no bairro da praia de Iracema. Não muito longe dali, na praia do Mucuribe, local em que termina o livro, há uma estátua de Iracema, Martim e Moacir. A lagoa da Paragamba ainda é conhecida como a lagoa em que a índia tomava banho e o Ceará é até hoje o local dos verdes mares bravios, Iracema e Martim representam a fusão do povo português ao indígena.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo principal mostrar a valorização do índio tendo como ponto de apoio a obra Iracema de José de Alencar, conheceu-se um pouco do território cearense em especial a natureza que foi sempre descrita em comparação á índia, um modelo típico do Brasil.

Possuindo sempre os traços do período romântico, a qual a narrativa pertence, apesar desse romance ser considerado uma lenda, nele podem ser encontrados traços reais, havendo um conflito social e consigo mesmo, em que há uma mistura de emoções e indecisões por parte dos personagens.

Como pode ser notada ao longo do trabalho, a história escrita por Alencar pode ter mais de uma interpretação, que são importantes para a construção da obra literária. E que permite uma pesquisa mais rica e bem elaborada.

Enfim, as análises e as pesquisas do livro de José de Alencar possibilitaram o descobrimento de aspectos importantes que não poderiam deixar de ser mencionados, como o índio e a natureza, que foram os aspectos principais na construção do trabalho.

Espera-se com este trabalho ter contribuído um pouco mais para o crescimento literário e que futuros estudantes que sintam o amor pela literatura possa se beneficiar com esta monografia.

Foi gratificante a pesquisa e desvendar alguns mistérios sobre a narrativa foi enriquecedor, acredita-se que foram significativas essas descobertas e ainda confia-se que os objetivos propostos foram esclarecidos conforme o desenvolvimento da produção.

Arrisca-se a dizer que a obra oferece um campo a ser explorado em alguns pontos que não foram abordados no texto como, por exemplo, a linguagem que é sempre metafórica, mas que não configurou a base do estudo. Assim, se aprofundar nas entrelinhas de Alencar é muito mais que somente uma leitura é realizar uma incursão na alma e no desejo de desenhar o Brasil sob a alcunha da poesia e a destreza que só as palavras podem imprimir a literatura.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ALENCAR, José. **Iracema**. 2ª edição, 2001.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. – São Paulo: 2006.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_, **formação da literatura brasileira: momentos decisivos 6**. Ed. Belo Horizonte 1995.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 5. Ed. Ver. E atual. –São Paulo global, 1999.

FEIJÓ, Martim Cezar. **O que é herói**. Coleção primeiros passos. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1995.

GIL, Antônio Carlos, **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 1994.

JESUS, Zenaida Augusto Évora Tavares, **Iracema o paraíso indígena e a formação da brasilidade**.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 1 ed. São Paulo: Cultrix, 1974

MARCONI, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. **Fundamento de Metodologia Científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, candido; **sumulas de Literatura Brasileira** 14ª edição

PELOGGIO, Marcelo (UFC) **A terra roxa e outras terras, revista de estudos literários**, [peloggio@hotmail.com](mailto:peloggio@hotmail.com)

SEGOLIN, Fernando. **Personagem e Anti-personagem**. Editora Olho d'água, 2006.

SETTE. Graça; Travalha, Márcia; Starling Rozário. **Português Linguagem em conexão**. 2013.

SEVERINO; Ferreira, Mauro. **Novo manual nova cultura**. 1991.

RICUPERO, Bernardo; **O romantismo e a ideia de nação no Brasil (1834-1870)** ano 2004.

ROMERO, Luiz; Romero, Alex; Alberto, Jorge. **Literatura: fundação Quixote** 2011.

[www.guia.do.estudante.abril.com.br](http://www.guia.do.estudante.abril.com.br) acesso em 20 de novembro de 2014

XIMENES, Sérgio, **Mini dicionário da Língua portuguesa**. 2ª edição. Reform. – São Paulo: Ediouro, 2000.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
 ( ) Dissertação  
 (X) Monografia  
 ( ) Artigo

Eu, Iseldiane da Conceição Silva,  
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de  
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,  
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação  
Gracema: Uma heróina construída pelas  
lentes poéticas de José de Alencar  
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título  
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 20 de setembro de 2016

Iseldiane da Conceição Silva  
 Assinatura

Iseldiane da Conceição Silva  
 Assinatura